

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão

Curso de Jornalismo

Aluno: Alexandre Winck

Professor-orientador: Carlos Locatelli

Disciplina: Projetos Experimentais

# Relatório do Projeto de Conclusão

Mais do que desgaste físico ou até intelectual, este projeto de conclusão me trouxe muito desgaste emocional. Em vários momentos, senti que tinha me jogado numa armadilha, que me propus a fazer algo grande demais, complexo demais e que nunca conseguiria fazer um trabalho razoável. Trabalhei na pesquisa devagar, sem pressa. Como eu ia demorar mais do que o previsto para me formar mesmo, acabei aproveitando mais de um semestre fazendo o projeto. Às vezes me pareceu estar fazendo algo interminável, sem saber até que ponto estava ou não perdendo tempo ao coletar certas informações ou se deveria ter me aprofundado mais em outras.

Minha grande motivação e maior desafio quando comecei a fazê-lo era exatamente a escassez de registros sobre o assunto: a história recente de Florianópolis, as mudanças estratégicas feitas no panorama da cidade nos anos 70, com todos os seus problemas que ainda hoje afetam a vida das pessoas. Existem vários livros sobre história da cidade, mas quase todos falam de séculos passados ou no máximo nas primeiras décadas deste. Isso é uma grande lacuna, ainda mais numa cidade como Florianópolis, que recebe uma quantidade enorme de novos moradores a cada ano, pessoas que adotam o lugar conhecendo pouco ou nada sobre sua história, mesmo fatos de 15 ou 20 anos atrás. Eu sabia que seria um trabalho complicado de pesquisa, mas que teria em minhas mãos um material rico e inexplorado, o tipo de coisa que interessa a qualquer jornalista. Na verdade, o projeto havia começado como algo bem menor, uma pesquisa sobre um grupo de pessoas que havia contribuído com a cultura local nessa época, como Beto Stodieck, Peninha e Franklin Cascaes. À medida que pesquisava, no entanto, via as possibilidades ficarem cada vez mais abrangentes, a ponto de poder fazer um trabalho que abordasse questões sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais.

Talvez o grande problema tenha sido o fato desse projeto ter exigido de mim muita paciência e organização, duas virtudes pelas quais certamente não me destaco. Em alguns momentos, paguei um preço alto por não cultivá-las e cheguei a pensar várias vezes em desistir. Numa ocasião, acumulei material de pesquisa equivalente a um ano de edições de jornal num mesmo caderno e, na confusão da redação do Jornal O Estado, onde trabalhava, fiz a imensa besteira de fazer anotações com aquele caderno. Esqueci o material no jornal apenas para descobrir, tarde demais, que um funcionário tinha simplesmente jogado fora um caderno escolar de quatro matérias com páginas em branco "porque não podia ficar nada em cima da mesa". Outro problema ocorreu quando fiz um copião de informações de quase 20 páginas no meu computador. Não o gravei em disquete em seguida e, como resultado, na ocasião em que meu irmão e meu pai levaram um técnico mexer no gabinete do aparelho, à minha revelia, descobri que o arquivo, junto com vários outros, fora simplesmente apagado.

Nesse período, minha melhor fonte de informações foi a imprensa da época. Houve, claro, outras fontes, como o IBGE, o IPUF, o arquiteto Paulo Rocha, o Peninha, alguns livros, etc. Mas meu grande companheiro de trabalho foi mesmo o Jornal O Estado. Logo percebi que meu trabalho envolvia, em grande parte, obras e espaços físicos, sobre os quais seria muito mais fácil obter informações precisas em fontes escritas e/ou documentadas. Pesquisei o equivalente a pouco mais de uma década de jornal, edição por edição, quase página por página. Às vezes pegava informações extremamente pingadas. Uma frase aqui, outra um mês ou um ano mais à frente sobre o mesmo assunto. Quase toda edição tinha algo potencialmente aproveitável, o que reforçava minha impressão de ter entrado num beco sem saída. Tudo isso, como se pode imaginar, sendo feito na mal iluminada, pouco ventilada e nada

o jornal  
companheiro  
de trabalho

silenciosa Biblioteca Pública da cidade, e sem aqueles microfimes bonitinhos e fáceis de mexer dos filmes. Por falta de funcionários, num mesmo dia eu tive que tirar e colocar de volta nas estantes mais de 10 edições encadernadas com um mês inteiro de jornal em cada uma. Ao mesmo tempo, tudo isso eram motivações para realizar a pesquisa, sabendo que quem quisesse obter as mesmas informações teria, em princípio, que passar por uma trabalhadeira semelhante.

O texto passou por várias revisões. Quase enlouqueço quando penso quantas vezes tive que relê-lo do começo ao fim, tentando colocar lógica e interesse jornalístico naquele emaranhado de informações fragmentadas, às vezes até contraditórias. Embora seja um apreciador do texto mais estiloso, ou "floreado", como nós dizemos, confesso que dessa vez preferi me conter um pouco, já que as informações por si próprias já diziam muita coisa. Confesso que não passei nenhuma madrugada fazendo-o, até porque acredito que essa prática deve ser reservada para as situações inevitáveis..

Foi quase tudo escrito no meu próprio computador – um Pentium 166 com 32 Mega -, o que significa que gastei da minha grana pra fazê-lo. Apenas a revisão final foi feita na UFSC. Aliás, gravador, fitas, bloco de anotações, canetas, xerox e grande parte do papel usado na impressão também saíram por minha conta, portanto este projeto não contribuiu em praticamente nada para dilapidar o patrimônio público. Óbvio, tinha a opção de escrever num computador do curso, mas sem a flexibilidade de horário que um aparelho próprio me permite, aí sim é que não teria terminado nunca.

Uma das principais razões porque escolhi o professor Carlos Locatelli como orientador é que aprecio seu estilo de avaliação, franco, objetivo e direto. Além disso, trabalhamos juntos em várias edições do Zero, o que permitiu a ele travar um contato mais próximo com minhas reportagens.

Confesso que nossas conversas sobre o projeto foram poucas e breves e que talvez devesse tê-lo procurado mais, mas consegui me virar.

No final, apesar de toda essa incomodação, me sinto satisfeito. O trabalho está longe de ser perfeito, mas foi uma oportunidade das mais interessantes que já tive. Uma das razões que me levam a continuar nesta profissão, apesar do volume de frustrações que já acumulei em minha breve carreira, é o fato do jornalista poder aprender tanto enquanto faz o seu trabalho. Descobri muita coisa que não sabia sobre a cidade que adotei e espero que isso aconteça com quem mais tiver a chance de lê-lo. Pretendo, aliás, transformá-lo em livro mais à frente.

Como todo mundo, tenho um monte de queixas das condições do curso, mas aprendi mais nos seis anos que passei aqui – meu Deus, que malaco! – do que no resto da minha vida. Só tenho a lamentar o processo de sucateamento, as verbas cada vez mais minguadas, essa guerra entre professores. Conheci e tive a oportunidade de aprender com grandes profissionais do jornalismo, entre os quais não posso deixar de citar os professores Nilson Lage e Luís Alberto Scotto, com os quais aprendi a maior parte do que sei sobre reportagem, texto e jornalismo de uma maneira geral. Não posso esquecer também do incentivo e do estímulo que recebi dessa figura única que é o professor Hélio Schuch. Fiz amizades e dei boas risadas dentro deste curso. Feitas as contas, vou sentir falta desta birosca.